

5º FISL – Fórum Internacional de Software Livre

O Brasil Mostra o Caminho...

O mundo está mudando – e o Brasil tem orgulho de ser uma das forças motrizes que dirigem este processo. A lição de otimismo a ser aprendida veio através do Fórum Internacional de Software Livre em Porto Alegre.

POR HELIO CHISSINI DE CASTRO

Tempos estranhos vivemos hoje: enquanto o hemisfério norte entra em batalhas hercúleas na fronteira das patentes de software e se preocupa com o rumo do futuro da tecnologia, por nossas bandas tupiniquins decidimos avisar que as regras estão mudando, e ninguém pode mais nos parar agora. O que começa a se realizar aqui é sonho dos primeiros idealizadores do movimento de Software Livre.

E os grandes sinais desta mudança foram vistos no Fórum Internacional de Software Livre em Porto Alegre, em sua quinta edição (<http://www.softwarelivre.org/forum2004>).

Sob olhares impressionados, os diversos participantes estrangeiros do fórum assistiram a um evento composto de mais de 4500 participantes registrados, provindos de 35 países e composto de mais de 100 palestras e painéis durante um período de 4 dias, de 2 a 5 de Junho. Colaborando com o grande momento, a DebConf 4, realizada na semana prévia do evento, também em Porto Alegre, teve seu último dia se sobrepondo ao primei-

ro dia do evento, permitindo assim que seus participantes do mundo todo pudessem planejar sua participação no fórum. De acordo com o ponto de vista de Martin Konold, do projeto KDE, o FISL já é maior que o Linux-Kongress, na Alemanha, que atualmente é o maior evento de Software Livre na Europa. E é claro, as presenças de grandes nomes mundiais do Software Livre e também Creative Commons estiveram presentes, entre eles o cada vez mais brasileiro John Maddog Hall, o “X.org-Man” Jim Gettys e o idealizador da Creative Commons, Lawrence Lessig.

A expectativa do início do fórum era grande e compreensível. Após o grande evento de capacitação promovido pelo governo em Brasília, onde oficialmente o tempo de migração brasileira foi iniciado, havia um medo inerente do problema de continuidade deste programa. Mas esta mudança se mostrou real e sólida dentro do FISL, um ponto de união entre a comunidade com uma meta comum. Considerando este um ano eleitoral, ninguém se mostrou surpreso que

aspectos políticos fossem um dos tópicos mais discutidos durante as conversas e palestras. Conseqüentemente uma das maiores surpresas do evento se aventurou no terreno político.

Qual é seu nome, Linux?

Uma boa surpresa veio através de um painel idealizado e coordenado pelo gaúcho Leonardo Vaz, como resultado de um movimento crescente iniciado por ele. O movimento em si tem a meta de parar as brigas internas da comunidade de Software Livre com o intuito de evitar uma assalto político ao mesmo, e para unir as diversas “tribos”.

Você conhece bem todas elas: formadas pelos grupos de usuários de distribuições bem como comunidades de desenvolvedores, unidos com o objetivo de acabar com uma rivalidade estúpida, bem como imprensa especializada e professores universitários.

Este painel colocou diversos representantes de todos estes movimentos no mesmo patamar, e no melhor espírito hacker, pediu à grande platéia (sentada



Figura 1: O dia começando no Fórum.



Figura 2: E o palco ainda não estava completo...

inclusive no chão devido à falta de espaço) o fim de tais divergências. Um sentimento de que existe uma possibilidade de união do movimento de software livre no Brasil.

A interminável história GNU/Linux, que usualmente é abordada de forma religiosa, foi um dos temas centrais. O painel surpreendentemente mostrou aos participantes que talvez GNU/Linux não seja exatamente o meio correto de se denominar o sistema operacional. Por quê? Porque se fôssemos admitir que o sistema deveria ter seu nome adequado às suas licenças, teríamos algo como GNUApacheBSDXFreeMIT.../Linux. Trata-se de uma questão de consistência. Outro tema complexo abordado foi a proteção da comunidade contra a assimilação política através de interesses. Apesar de a interação com organizações políticas ser uma realidade necessária, o medo vem da possibilidade de que se fale mais do que se faça, o que indiretamente representaria um retrocesso em face da situação atual.

Mas o tema central foi como evitar a desunião atual da comunidade. A constante e desnecessária rivalidade entre grupos, oriunda de ataques indiretos, causa divergências onde a união seria necessária. No painel, foi possível ver membros de várias destas comunidades falando em uma só voz. A mensagem é de competição colaborativa (e depois sair e beber uma cerveja juntos).

Não há lugar como o \$HOME

E funcionou: No pavilhão dos Grupos de Usuários (GUS), um espaço democrático para grupos de usuários de distribuições e projetos de desenvolvimento, o que se via era um clima de festa e união. Membros do projeto KDE eram interpelados para tirar fotos na frente do banner do projeto Gnome. E, imagine só, tudo isso acontecendo no melhor bom humor e espírito de comunidade.

Existia trânsito livre entre os estandes, não importando de qual projeto ou empresa. Raramente se via um estande ocupado somente por seus integrantes ou visitantes, sempre havia algum "alien" em volta. Até mesmo o pessoal do governo (carinhosamente chamados ".gov", no idioma nativo de internet) estava passeando por lá, às vezes parando para bater um papo, sem constrangimento,



Figura 3: A comunidade bagunçada e unida.

sem diferenças. A definição seria Geek encontra Político que encontra Hacker, todos na mesma roda de chimarrão.

Coisas que só um fórum internacional poderia fazer, como ver a "embaixada temporária" da Alemanha no estande do KDE. Onde até mesmo os brasileiros que chegavam por lá sabiam Alemão (coisas do Sul), se juntando aos alemães presentes, tanto do projeto quanto alguns da DebConf que estacionaram por ali (nota do repórter: até o editor chefe da Linux Magazine Brasil que estacionou por lá também tinha seus cacoetes de Alemão). Ou mais: fazer festa com um grupo de usuários Linux da Argentina em dia de jogo oficial de futebol entre os dois países, algo que todo brasileiro sabe ser quase uma disputa religiosa.

Talvez um dos grandes fatores envolvidos nesta integração foi aquele jeitinho brasileiro de arrumar tudo: a despeito de uma tentativa frustrada de algumas pessoas da organização, nenhum dos estandes seguiu um determinado padrão. Praticamente todos os grupos chegavam e faziam a pergunta básica do receituário "geek": "Onde está o ponto de rede?". Assim que era obtida a resposta, cada grupo se largava à vontade no estande, às vezes dividindo-o com outro grupo, retirando divisórias, enfim, uma grande festa. Para não perder o costume, alguns cabos de rede perdidos foram tomados como "reféns" e o que se via era um monte de pessoas felizes sentadas no

chão com os notebooks no colo. Não poderia haver espírito mais família.

Entrevistas, entrevistas e mais entrevistas...

É desnecessário dizer que um evento deste porte traz atenção da mídia. Porém desta vez não apenas a mídia regular de tecnologia, mas televisões e jornais nacionais e internacionais, incluindo destaques como o pessoal do "Vitrine", da TV Cultura, que estavam extasiados com o que viam. Foram gravadas diversas entrevistas e reportagens no seu estilo divertido e aberto, e, para surpresa deles, encontraram um grupo extremamente receptivo, o que demonstrou claramente que a lenda de um "micreiro" não ser sociável não é necessariamente real.

E eles não eram a única equipe de TV por ali: cerca de 10 ou mais equipes foram vistas, incluindo um curioso documentário feito por uma equipe americana, encomendado por uma emissora privada especializada em tecnologia (algo não muito comum por aqui). Adicionalmente, tivemos o lançamento de duas revistas que têm como tema o Software Livre e o Linux (uma delas você tem o prazer de estar lendo agora), e uma grande cobertura da mídia não especializada, considerada um marco indicador de quão longe o movimento de Software Livre já chegou no Brasil. Questionados alguns sobre o motivo de, neste momento em especial, estar dando co-



Figura 4: Nerd também é Cultura... Uma das várias entrevistas.



Figura 5: À espera de um ministro...

bertura a um evento deste porte com maior atenção aos detalhes (já houveram outros similares), a resposta mostrava claramente que não há mais apenas interesses tecnológicos envolvidos, e sim que está se tratando de um modelo econômico e político de um país. E isso levamos ao tema central da maior (e mais esperada) palestra do evento.

Leia, escute, use, copie, reutilize

É claro, estamos falando da “Creative Commons”. Em um movimento arrojado do Ministério da Cultura, junto com Finlândia e Japão, o Brasil foi um dos primeiros países a adaptar a licença da Creative Commons ao seu sistema legal. E foi mais além, um novo adendo à licença foi criado e batizado aqui. A ReCombo (nome de um grupo musical nacional que trabalha especificamente com montagens). Essa licença realiza o sonho de muitos DJ’s mundo afora: ela finalmente cria uma base legal para a reutilização de conteúdo. Até este momento divisor de águas, tudo era feito em uma espécie de acordo de cavalheiros, mas sempre existiu a incerteza legal. Sim: nós mudamos isso!

A Fundação Getúlio Vargas ajudou a capitanear o projeto e a dar-lhe o embasamento legal. O mentor do projeto aqui, Ronaldo Lemos da Silva Júnior, se encarregou ele mesmo de se aproximar do atual ministro da cultura, Gilberto Gil, levando-o a comprar a idéia. Durante a palestra, Ronaldo contou que, quando se aproximou do ministro na sua tentativa

de sugestão para implantar a licença, não esperava que alguém que por tantos anos esteve ligado à indústria da música, a aceitaria tão bem: é de Gil a primeira música licenciada pela ReCombo.

O criador da idéia, o jurista Lawrence Lessig falou claramente que é impressionante ver uma licença criada para ser aplicada primeiramente no tão chamado “primeiro mundo”, ser utilizada em primeiro lugar em um país emergente que não tem medo de mudar.

Em uma impressionante analogia com a criação do Piano (“Piano Forté”), John “Maddog” Hall mostrou porque é uma pessoa tão amada pela comunidade: como historiador e personalidade cativante ele conseguiu, num rápido discurso interrompido pela chegada do ministro Gil, correlacionar o modelo de licenciamento da Creative Commons com a estratégia usada pelo criador do piano para popularizá-lo. Foi aplaudido de pé por cerca de 2000 pessoas durante quase três minutos.

E isso, mesmo após a interrupção causada pela chegada do ministro, também recebido com muitos aplausos. Vale lembrar que esta é a primeira vez que um ministro de estado vem a um fórum de Software Livre. Porém, para decepção dos fãs (e repórteres) presentes, depois de um longo e sonolento discurso, o ministro praticamente não pôde parar para cumprir seus compromissos de entrevistas e fotos. Mas antes de sua saída, dois importantes integrantes da mesa passaram as mensagens que definiram o que foi este fórum.

Em uma impressionante mudança parcial de ponto de vista, um dos mais importantes e respeitados analistas econômicos do país, Luís Nassif, conhecido crítico do modelo de exploração comercial do Software Livre, falou abertamente de novas possibilidades de funcionamento deste modelo.

Questionado pela Linux Magazine sobre o porquê da mudança de ponto de vista, Nassif respondeu:

“Eu ainda não estou convencido sobre a viabilidade econômica do modelo atual de exportação de Software Livre, porém após a equipe do Sérgio Amadeu (Diretor-Presidente do ITI, ver página 8) me mostrar como o desenvolvimento do Kernel e de outros projetos de Software Livre é organizado e estruturado, pude conceber a idéia de viabilidade.”

Quem poderia conceber que um integrante do governo poderia convencer um economista sobre as vantagens modelo de mercado adotado pelo Software Livre?

Mas o mundo está mudando, e com seus arrebatos costumeiros Marcelo Tas fechou o painel com a frase mais marcante de toda a conferência. Na posição de quem teve contato com a Internet e a computação muito cedo devido à sua profissão, ele disse:

“Olhem todo mundo. Eu estou aqui, em 2004, em um evento de informática, sentado com economistas, advogados e músicos, em frente de uma platéia enorme que parece que saiu de um show de Rock’n’Roll, falando sobre liberdade de direitos autorais e nosso ministro da cultura é Gilberto Gil !!!” ■